

QUAL teria sido o primeiro paulista a usar o ex-libris? pergunta aos estudiosos: é através dos ex-libris, adicionados nos livros, que o bibliófilo subsiste - palavras do dr. Menezes Drumond por ocasião da abertura da exposição na Biblioteca Municipal. A Gazeta, São Paulo, 26 ago. 1958.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP
CMUHE029609

Qual teria sido o primeiro paulista a usar o ex-libris?

E' através dos ex-libris, adicionados nos livros, que o bibliofilo subsiste — Palavras do dr. Menezes Drumond por ocasião da abertura da exposição na Biblioteca Municipal

Promovida pelo dr. Francisco Pati, diretor do Departamento Municipal de Cultura e com o apoio da Secretaria de Educação e Cultura, foi inaugurada no saguão da Biblioteca Municipal a Exposição de Ex-Libris nacionais, organizada pela bibliotecária Maria Thereza de Carvalho Franco, do Serviço de Belas Artes daquela Biblioteca. Consta essa mostra de um total de 110 ex-libris nacionais, agrupados nas seguintes categorias: antigos, armoriados, simbólicos, de personalidades ilustres e entidades. Acompanham-nos textos explicativos, um esquema didático e bibliografia especializada. Por ocasião da inauguração, o dr. Menezes Drumond pronunciou o seguinte discurso:

Enquanto a vida tumultua lá fora, tecida de angústias e de esperanças, aqui, no sossego e recolhimento desta Casa do Pensamento, estamos assistindo à inauguração desta I Exposição Municipal de Ex-Libris, promovida pelo alto espírito do escritor e jornalista Francisco Pati, ilustre diretor do Departamento de Cultura e organizada por sua erudita colaboradora, srta. Maria Tereza de Carvalho Franco.

Abrem-se as portas desta Mansão da Inteligência para o primeiro certame oficial deste genero, em São Paulo. Festas como essa são frequentes em todos os países de alta cultura. No Brasil tornou-se famosa a primeira exposição realizada no Rio de Janeiro, em 15 de maio de 1942, no Museu Nacional de Belas Artes, sob a direção de Oswaldo Teixeira. Somente em 1949, realizou-se na Capital da República a I Exposição Municipal de "ExLibris", seguida da Exposição Comemorativa do Centenario da Imprensa Nacional, em 1954.

Todas as posições de "ex-libris" tiveram por finalidade a difusão do conhecimento, uso e estudos gerais dessa cedula artistica, considerada como o expoente da mais alta cultura, do mais refinado gosto, abrangendo tudo quanto pode ter significado artistico ou simbolico.

Das exposições de "ex-libris" no Brasil e no estrangeiro ficaram magnificos catalogos para a sua mais larga divulgação. E' através deles que conhecemos até as exposições realizadas pelo Municipio fluminense de Marquês de Valença, pelo Gremio de Ex-Libris do bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro e pelo Mosteiro de São Bento, na Bahia.

Em São Paulo foi realizada a I Exposição de "Ex-Libris" no Instituto Historico e Geografico, a 27 de novembro de 1951, sob a presidencia do notavel historiador, orador e publicista José Pedro Leite Cordeiro.

Alem das exposições, a divulgação do "ex-libris" é feita pela imprensa e através de associações es-

pecializadas, de que ha varias no Brasil, sendo a mais antiga a Sociedade dos Amadores de Ex-Libris do Rio de Janeiro, fundada em 1940. Todas as grandes bibliotecas possuem coleções de "ex-libris", destacando-se as do Museu Britânico, da Biblioteca Nacional de Paris, do Rio de Janeiro, de Munich, Gottingen e de Berlim.

O Ex-libris, como manifestação e exteriorização artistica do sentimento de posse, tinha que surgir com o livro impresso na Alemanha, no seculo XVI.

Aparecidos em pleno Renascimento os primitivos Ex-libris estavam ainda impregnados do espirito heraldico medieval, sendo brasonados em sua quase totalidade. Com o advento do galante seculo XVIII, o Ex-libris libertou-se da vetusta simbologia heraldica. Surgem os rocailles. As figuras alegoricas atingem suprema finura e encanto com Moreu le Jenne, Saint'Aubin e Gravelot. Inicia-se a diversidade de composição decorativa. Rousseau é o responsavel pela alegoria campestre que avassala a gravura e o Ex-libris. A democracia já se manifestava com iniciais cercadas de flôrões, até que, através dos mestres "vinhetistas" do seculo XIX, o Ex-libris atinge a

plenitude da composição decorativa. Neste grande seculo da gravura, os mais famosos artistas são procurados pela burguesia enriquecida que trata de obter marcas de propriedades dos livros que começa a acumular. De extremamente aristocratico torna-se intelectualmente democratico, a todos acessivel.

Usado de todas as formas simbolicas, com sentenças morais, com ironias, com retratos, com figuras, com elementos da fauna e da flora, alegorias e fantasias de toda sorte, é definido como o modo pelo qual o dono de um livro indica que este lhe pertence. E' a marca ou sinal, criado pelo possuidor de uma biblioteca, para identificação dominial. E' a essencia psicologica do seu possuidor artisticamente plasmada.

Na Brasil somente no seculo XVIII inicia-se o uso do Ex-Libris com o fidalgo português O. Luiz da Cunha Gran de Ataíde e Lancastrre, Conde de Pavolide, quando governador de Pernambuco. Usaram-no contemporaneos da Corte joanina do Rio de Janeiro, como o Conde da Barca, o famoso Abade de São Adriaõ de Sever, fundador da bibliografia portuguesa.

Pretendem alguns escritores ter sido Manoel de Abreu Guimarães o primeiro brasileiro a usar Ex-libris, ainda nos fins do seculo XVIII no Brasil. Dele pouco se sabe. Morador em Sabará, talvez ali nascido em época incerta, de

filiação ignorada, ter-se-ia dedicado ao comercio. Assim teria sido o primeiro Ex-libris alegorico brasileiro — uma lira ao lado de

um caduceu. Deste Ex-libris existe apenas um exemplar conhecido, pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e se encontra exposto nesta sala.

O primeiro Ex-libris, certamente usado por brasileiro nato, foi o do Conselheiro Antonio de Menezes e Vasconcelos de Drummond, nascido no Rio de Janeiro a 21 de maio de 1794, como secular ascendencia brasileira. Foi gravado em Paris no ano de 1824, quando o seu possuidor se encontrava expatriado na França, com os Andradas em virtude das lutas da Independencia do Brasil, na qual tomara parte saliente. Reproduz o Braço de Armas de sua familia, que fôra concedido, por sucessão, a seu pai por D. João VI, em 2 de março de 1808. Deste ex-libris existem diversos exemplares retirados dos livros de sua grande biblioteca, formada nos diversos países em que serviu como diplomata e ministro plenipotenciario. Um exemplar deste Ex-libris se encontra tambem nesta Exposição.

São famosos no Brasil os ex-libris do visconde e do barão do Rio Branco (primeiro colecionador brasileiro), de Salvador de Mendonça, de Joaquim Nabuco, da viscondessa de Cavalcanti, do barão de Vasconcellos, todos aqui apresentados. Atualmente é tal o interesse dos colecionadores que já existe no Rio de Janeiro um Registro de Ex-libris mantido pelo Colegio de Armas e Consulta Heraldica do Brasil.

Está ainda para ser escrita a historia do Ex-libris em S. Paulo. Qual teria sido o primeiro paulista a usar ex-libris? Nada ainda foi dito a esse respeito. Assim, quando, há perto de quarenta anos, iniciei a minha coleção de Ex-libris, ainda estudante da nossa tradicional Faculdade de Direito, já eram ex-libristas o poeta Guilherme de Almeida, Ignácio da Costa Ferreira, Antonio Paim Vieira, Wasth Rodrigues, Theodoro Braga, Belmonte e ainda outros.

Talvez tenha sido Eduardo Prado o mais sutil espirito paulista do seu tempo, o primeiro a usar de Ex-libris na sua inexcidível Biblioteca.

Ignácio da Costa Ferreira, cujo desaparecimento é recente, foi o mais ardoroso ex-librista que conheci. O seu exlibris, com o lema: "Pedes in terra ad sidera visus", aqui se encontra, como outros de sua autoria.

Um dos mais originaes Exlibris aqui apresentados é cultamente o do heraldista Roberto Thut onde surge a inedita "dactiloscopia" simbolica.

Notavel ex-librista tambem há pouco falecido, foi Wasth Rodrigues, artista plastico que maior numero de ex-libris idealizou e executou. E' o conhecido autor do ex-libris do diario "O Estado de São Paulo", talvez o primeiro jornal paulista a adotar

Ex-libris para uso de sua biblioteca. Antonio Paim Vieira — continua o veterano e admirável ex-librista, autor de esplendidos desenhos simbolicos.

São ex-libristas apaixonados entre nós, Olavo Dias da Silva, possuidor de primorosa coleção que rivalisa com a de Alceu de Campos Pupo, Igor Dolgorukij, Nery de Siqueira e Silva e outros mais.

Em 1936, Bueno de Azevedo Filho, conhecido historiador e genealogista, publicou o primeiro livro escrito e editado em São Paulo tendo por principal assunto o Ex-libris. Nesse trabalho foi descrito o Ex-libris desta Biblioteca Publica, idealizado por Eurico de Goes e desenhado por Theodoro Braga.

A primeira revista periodica paulista a tratar de Ex-libris foi a Revista do Instituto Heraldico Genealogico, em suas edições dos anos de 1937 a 1943, seguida da Revista do Instituto Genealogico Brasileiro, iniciada em 1939 e ainda mantida pela Revista Genealogica Latina.

O Ex-libris é documento sui-generis para a individualização do seu possuidor, de sua psique, sentimento artistico, finura de gosto, hierarquia familiar e social, de sua cultura e de sua época.

Entre nós, atualmente, raro é o intelectual ou bibliofilo que não possua o seu Ex-libris. Quase todas as bibliotecas publicas o possuem, além de comunidades de todo casta, podendo-se bem apreciar a intensidade de divulgação do uso do Ex-libris em São Paulo nos ultimos cinquenta anos, divulgação que se alarga e para a qual há de concorrer esta Exposição que se inaugura e onde, além da mostra cronologica dos Ex-libris, entre os exemplares expostos, podem ser apreciadas verdadeiras joias de concepção e arte.

A vista desta Exposição, como Charles Nodier, podemos dizer: Depois do prazer de possuirmos um livro, não há coisa mais agradável do que aplicar-lhe um Ex-libris.

O Ex-libris é a inconfundível marca simbolica de um individuo ou de uma comunidade. Mas, se todas as bibliotecas pessoais tendem para fatal dispersão, é através dos Ex-libris adicionados nos seus livros, que o bibliofilo subsiste além da morte...

Por tudo o que acabo de dizer, bem compreendeis que esta é uma festa do simbolo. Tudo é simbolo em tudo já há mais de um seculo ensinava o velho Hegel. Ainda hoje proclama o filosofo Heidegger que o simbolo é essencia da realidade humana.

A conhecida aspiração do poeta Stéphane Mallarmé pretendendo concretizar a idéia do universo em um livro, foi parafraseada por artistas sutis, condensando simbolicamente uma definição de Vida em um Ex-libris, forma impercível de uma individualidade, forma simples e acessível da imortalidade.

Qual seria o primeiro período a ser o ex-libris? pergunta aos estudiosos; é através dos ex-libris, selecionados nos livros, que a biblioteca adquire o caráter de coleção - palavra de M. Menezes Vasconcelos por ocasião da abertura da exposição na Biblioteca Municipal. A Gazeta, Rio de Janeiro, 22 ago. 1925.



Ex-libris do conselheiros Antonio de Menezes e Vasconcelos de Drummond